



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MÁRIO CABRAL DE SOUSA FILHO

INDISCIPLINA ESCOLAR: NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL DA
EDUCAÇÃO

FORTALEZA-CE
2015

MÁRIO CABRAL DE SOUSA FILHO

**INDISCIPLINA ESCOLAR: NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL DA
EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Colegiado do Curso de Pedagogia como exigência parcial para obtenção de aprovação para título de graduação.

Orientadora: Professora Doutora Francisca Maurilene do Carmo.

**FORTALEZA-CE
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Filho, Mário Cabral de Sousa.

Indisciplina Escolar: : Numa Perspectiva Histórico Social da Educação / Mário Cabral de Sousa Filho. – 2015.

33 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2015.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Maurilene do Carmo.

1. Indisciplina Escolar. I. Título.

CDD 370

MÁRIO CABRAL DE SOUSA FILHO

Monografia submetida à
Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial
para a obtenção do grau de
Graduação em Pedagogia.

Aprovada em 30/11/2015.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Maurilene do Carmo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Josefa Jackline Rabelo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, que apesar das dificuldades da vida, estiveram sempre me incentivando aos estudos em busca do crescimento pessoal e profissional. A minha noiva Estefani Pereira por estar ao meu lado nos momentos que eu mais precisei e por minhas irmãs: Francisca Pereira, Izabel Pereira e Clara de Assis pela força para concretizar o Trabalho de Conclusão de Curso através de uma árdua labuta intelectual.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Mário Cabral e minha mãe, Maria Pereira, pelo zelo da minha educação.

A minha noiva, Estefani Pereira, por ter dado forças nos momentos difíceis deste trabalho.

A minha orientadora, profa. Dra. Francisca Maurilene do Carmo, pela disponibilidade de orientação do referido trabalho e pela disposição.

Aos Professores da banca examinadora: Profa. Dra. Francisca Maurilene do Carmo, Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro e Profa. Dra. Josefa Jackline Rabelo. Pela disponibilidade de avaliação deste trabalho.

A Coordenadora do curso de pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) Profa. Dra. Maria José Costa dos Santos. Pela acessibilidade para a apresentação desta monografia.

Ao Vice-Diretor da Faculdade de Educação (FACED), Prof. Dr. José Arimatéia Barros Bezerra. Por ter sido seu aluno e pelo apoio para a conclusão deste trabalho.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.” (Paulo Freire)

RESUMO

Considerando que a indisciplina escolar é um fenômeno que vem se agravando progressivamente, o presente documento terá como objetivo principal conhecer a relação que existe entre educação e trabalho, na perspectiva histórico-social para compreensão da indisciplina escolar. O interesse pela temática surge das práticas docentes de estágios nas escolas públicas e particulares de Fortaleza, no qual presenciei casos de indisciplina na sala de aula e pelo interesse para saber lidar com este problema. O estudo possibilitará aos professores entender como surgiu a educação a partir do trabalho, e compreender a relação do aprendizado entre professor e aluno através das tendências pedagógicas. Para a realização deste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica e usou-se o referencial teórico composto pelos seguintes autores: SAVIANI (2007), TONET (2012), OLIVEIRA (2005), FREIRE (1996) e dentre outros artigos e periódicos, com o intuito de conhecer os aspectos relativos à educação e trabalho, como também buscar conceitos da indisciplina e disciplina. Os resultados apontam que existe uma relação importante entre educação e trabalho, ausência de uma identidade do papel do professor, diante da grande evolução da sociedade pelo trabalho. Foi constatado que a educação sempre foi condicionada a produção da riqueza, e isso proporcionou práticas pedagógicas disciplinares muito conservadoras, tradicionais entre professor e aluno. A indisciplina nessa perspectiva histórico-social surge da indignação do aluno pelo sistema do ensino e torna-se necessário ter um novo olhar sobre a disciplina, não como forma de punição e submissão, mas de conscientização e do diálogo na relação professor-aluno.

Palavras-chave: Indisciplina. Trabalho. Disciplina. Sociedade. Educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO E O TRABALHO	13
2. DISCIPLINA E INDISCIPLINA: CONCEITOS E PESQUISAS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

Realizar uma pesquisa sobre a temática da indisciplina escolar é muito importante, pois nos possibilita compreender melhor os desafios da realidade da educação, principalmente buscar através de um estudo bibliográfico abordar a indisciplina escolar numa perspectiva histórico-social da educação.

Inicialmente, é necessário perceber que a indisciplina é um dos principais problemas a serem enfrentados, pelos docentes atualmente. A relação entre professor e aluno está cada vez mais delicada, pois há ausência da responsabilidade, da moral, do compromisso do aluno para com a proposta da escola. Na sociedade atual não é diferente dessa realidade escolar, pois vivemos numa ruptura de leis, de relações humanas justas e de autoridades. A existência da sociedade ocasionou ao longo da história que foi marcada pelo trabalho e a educação, muitas mudanças da sociedade e da educação ocorreram por conta da produção do trabalho.

Neste contexto, então, percebemos que a indisciplina está ligada a natureza humana, portanto são complexas e incertas, é a própria negação da disciplina. Mas, como posso entender a realidade indisciplinar dos alunos, sem buscar os fatores históricos da disciplina escolar na relação do trabalho e educação? Torna-se evidente e importante buscar condições que possam satisfazer nossas indagações.

Podemos encontrar nessa pesquisa hipóteses de que a disciplina dos alunos ao longo da história esteve pautada na identidade da sociedade através da produção do trabalho, preparando os alunos de forma mecanizada, acrítica e repressiva ao ponto de hoje a indisciplina manifestar-se de forma a denunciar que algo não está bem com o aluno.

Descobrir a relação histórico-social entre a educação e o trabalho nos possibilitará reconhecer a evolução da sociedade do trabalho para compreender o porquê de tanta indisciplina nas escolas, explorar os conceitos e pesquisas atuais nos dará informações sobre a indisciplina escolar, aos professores um novo olhar para lidar com esse problema.

Temos como objetivo principal dessa pesquisa conhecer a relação que existe entre educação e trabalho, na perspectiva histórico-social para compreensão da indisciplina escolar. Para se alcançar essa meta iremos encontrar conceitos dos termos indisciplina e disciplina escolar; verificar pesquisas atuais sobre a indisciplina escolar; identificar o surgimento da educação a partir do trabalho; conhecer algumas tendências pedagógicas que ocorreram no Brasil.

O interesse por essa temática da indisciplina surge das práticas docentes de estágios em escolas públicas e particulares, no qual presenciava ações de transgressões na sala de aula. A relevância dessa pesquisa é de suma importância para compreendermos o que é a indisciplina e como os professores poderão lidar com essa realidade como também o despertar de um novo currículo que atenda a realidade escolar, formando docentes preparados para atuar no mercado de trabalho e não se frustrarem diante a questão da indisciplina na atuação como Pedagogo.

Para a realização deste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Inicialmente foi realizada a leitura de alguns livros, artigos e pesquisas na internet sobre a temática da indisciplina. Logo após dei início na construção da fundamentação teórica que possibilitou dar um título para o trabalho, por seguinte a introdução e a conclusão. Durante a produção deste trabalho usou-se o referencial teórico composto pelos seguintes autores: SAVIANI (2007), TONET (2012) e dentre outros autores para buscar aspectos relativos à educação e trabalho, OLIVEIRA (2005), FREIRE (1996) e dentre outros para buscar conceitos da indisciplina e disciplina.

O trabalho será dividido em dois capítulos, o primeiro abordará conceitos dos termos indisciplina e disciplina como também mostrará

pesquisas nacionais e mundiais sobre a temática da indisciplina escolar. No segundo capítulo teremos uma abordagem na relação entre trabalho e educação numa perspectiva histórico-social para entendermos as tendências educacionais.

1. RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO E O TRABALHO

A educação como processo de transformação constante, articula de forma contraditória o reflexo da própria sociedade. E com o propósito de compreender o movimento inerente à educação inúmeros sociólogos, psicólogos, filósofos, como: Piaget (1896-1980), Vygotsky (1896-1934), Freire (1921-1997), Durkheim (1858-1917), deixaram teorias que ponderam acerca das temáticas educacionais.

Sabendo que a educação está atravessada por diferentes problemáticas, dentre eles a indisciplina escolar, é importante percorremos a teia histórica das relações entre a educação e a sociedade.

Nessa perspectiva tomamos como ponto de partida, que o ser humano tornou-se um ser social a partir da necessidade de transformar a natureza (o ambiente ou lugar em que habita) para atender suas necessidades físicas, biológicas, pessoais e profissionais através do trabalho.

Assim, o trabalho surge com intercambio eternamente necessário entre o homem e a natureza, fundando a sociedade humana e os demais complexos sociais. A partir desse momento predominante, temos o surgimento da educação a partir do trabalho, que *a priori* compreende a relação da existência do homem numa perspectiva histórico-ontológico como aponta Saviani:

A existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. (2007, p. 154).

Podemos constatar que o trabalho e a educação como processos essencialmente humanos, pois o homem é dotado de razão e que o surgimento da educação somente é possível com o surgimento do mundo dos homens a partir do trabalho.

A relação trabalho e educação pode ser estendida à relação professor e aluno, o professor como trabalhador que reproduz aquilo que aprendeu e o aluno aquele que apropria-se do conhecimento e por consequência reproduz a sociedade humana.

Sabendo que a existência humana está vinculada ao trabalho e a educação, teremos ainda nas sociedades primitivas a divisão social do trabalho por causa do desenvolvimento da produção, provocando assim uma ruptura na coletividade, onde os “homens produziam sua existência em comum e se educavam nesse mesmo processo”. (Saviani, 2007, p. 155). Agora com a separação entre o trabalho e educação, teremos duas classes sociais: a classe dos proprietários e a dos não-proprietários, tomando a propriedade privada favorável aos proprietários para viver sobre o trabalho da classe dos não-proprietários, criando assim uma relação de desigualdade e submissão por meio da produção da riqueza.

Ao longo da história da humanidade essa divisão de classes aprofundou-se assumindo características cada vez mais desumanas e ao mesmo tempo dissimuladas.

Assim, é que no século XVIII a universalização da educação burguesa surge com o firme propósito de impulsionar o modo de educação capitalista, inaugurando as primeiras escolas públicas mantidas pelo Estado e que ficaram conhecidas pela desigualdade econômica, separando a classe burguesa da classe trabalhadora, e aprofundando cada vez mais a cisão histórica entre proprietários e não-proprietários.

[...] com o desaparecimento dos interesses comuns a todos os membros iguais de um grupo e sua substituição por interesses distintos, pouco a pouco antagônicos, o processo educativo, que até então era único, sofreu uma partição: a desigualdade econômica entre os “organizadores” – cada vez mais exploradores – e os “executores” – cada vez mais explorados – trouxe, necessariamente, a desigualdade das educações respectivas (PONCE, 1986, p. 25).

A propósito dessa desigualdade no Brasil, podemos evocar a chegada dos jesuítas de Portugal em 1549. Nesse período teremos as primeiras salas de aula criadas com o intuito de catequizar (conversão) os

índios para torná-los bons cristãos através de um ensino pautado na leitura e escrita através da doutrina católica predominante em Portugal, esse processo de conhecimento laico era controlado pela a igreja na época.

Podemos perceber que a desigualdade torna-se visível no contexto escolar a partir da identidade da sociedade que se tinha na época, no qual foi caracterizada pelo iluminismo que foi um movimento conhecido pela razão como caminho para alcançar a liberdade, autonomia, e a emancipação do indivíduo. Logo depois do século XVIII teremos a expulsão dos jesuítas no Brasil e então a educação passa a ser organizada pelo Estado, e que diferentes classes sociais estudavam juntas e poucos continuavam seus estudos, pois a educação não era para todos, mas para uma minoria.

Neste século temos a tendência pedagógica tradicional, no qual o papel da escola está voltado a preparação intelectual e moral dos alunos para assumir seu papel na sociedade e a figura do professor era de autoridade e a do aluno de passivo, ou seja, nessas escolas que adotam filosofias humanistas clássicas ou científicas, a disciplina era realizada através da instrução dos conteúdos e da imposição da figura do professor sobre os alunos. “Até o final do século XVIII aproximadamente, a prática pedagógica corrente era aquela tradicional de caráter de transmissão do saber”. (Oliveira, 2005, p. 39).

No século XIX, com a ascensão do capitalismo através da industrialização modificou o cenário econômico e social do Brasil, então cria-se uma expectativa a respeito da educação no país, pois há uma intenção de tornar universal o ensino, porém restringir as formações, para os burgueses, uma formação clássica e propedêutica¹ aos trabalhadores uma instrução técnica, ou seja, formas de controle e organização, o uso racional, metódico e eficiente dos espaços escolares.

A diversidade de pessoas era muito grande no processo de aprendizagem e o principal foco era preparar o aluno para exercer suas

¹ É um termo histórico originado do grego que significa referente ao ensino. Trata-se de um curso ou parte de um curso introdutório de disciplinas em artes, ciências, etc. É o que provém ensinamento preparatório ou introdutório, os chamados conhecimentos mínimos. Pode ser definido como um conhecimento necessário para o aprendizado, mas sem a proficiência.

funções para o mercado de trabalho. Vejamos o que nos diz (Arriada, Nogueira e Vahi. 2002, p.52) a respeito dessa escola e a sala de aula do século XIX:

Essa nova escola submete professores e alunos a um modelo de educação altamente especializado no controle e disciplinamento de 'corpos e espíritos', a regras e ritos; passa a utilizar elementos de controle, como é o caso das chamadas; regras e comportamentos que permanecerão presentes na escola atual. O espaço da sala de aula espelha essa dura realidade, ali na presença constante do professor, sob o seu olhar, sob o seu controle, pouco resta aos alunos. Nesse espaço, uma relação permeada de disciplina, a distribuição do tempo é medida, as atividades escolares são executadas com uma regularidade assustadora e em etapas bem-delimitadas.

Podemos considerar que a educação durante estes dois séculos citados anteriormente, é constituída meramente em função do trabalho e do preenchimento da ociosidade destes alunos, através de um sistema de ensino acumulativo, de imposição de regras e normas através do Estado e dando a aos professores o papel de preparar estes alunos, através de uma disciplina rígida para a sociedade, no qual estes futuros trabalhadores tornavam-se moldes do capital.

Com o trabalho, portanto, dá-se ao mesmo tempo - ontologicamente - a possibilidade do seu desenvolvimento superior, do desenvolvimento dos homens que trabalham. Já por esse motivo, mas antes de mais nada porque se altera a adaptação passiva, meramente reativa, do processo de reprodução ao mundo circundante, porque esse mundo circundante é transformado de maneira consciente e ativa, o trabalho torna-se não simplesmente um fato no qual se expressa a nova peculiaridade do ser social, mas, ao contrário - precisamente no plano ontológico -, converte-se no modelo da nova forma do ser em seu conjunto. (Lukács, 1969, p.6)

O trabalho torna-se segundo o autor não apenas uma peculiaridade ou singularidade, mas um modelo do ser na sociedade, pois o trabalho é o essencial no contexto educacional. Contrapondo as ideias de disciplina rígida e das concepções pedagógicas tradicionais, teremos ao longo do século XX o movimento conhecido como escola nova, com uma proposta de um novo

conceito de disciplina e de educação democrática, no qual o precursor deste movimento foi o filósofo americano John Dewey².

Segundo (Oliveira, 2005, p. 39-40) “Este movimento denunciava a estrutura educacional conservadora, elitista e defendia os princípios de uma educação democrática e a formação do cidadão responsável, livre e participante na comunidade.”

Os pioneiros deste movimento no Brasil foram: Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo com suas teorias políticas, filosóficas, sociológicas e psicológicas lutavam por uma educação libertadora, centralizada no aluno e o professor tinha o papel de garantir um relacionamento de respeito, ou seja, o professor passa a ser um facilitador ou um mediador no processo de aprendizagem do aluno, a educação pública passa a ser única, laica, gratuita, obrigatória e de responsabilidade do Estado.

Educar a população, urbana e também rural, pareceu condição primeira para que se consolidasse a economia capitalista industrial e fosse garantido o desenvolvimento do País. O ensino seria exigência a todo trabalhador, que deveria adquirir um mínimo de instrução. Educação, assim concebida, ainda não era reputada um direito do cidadão. Era, sim, um instrumento em mãos das duas burguesias. Divulgada uma ideologia desenvolvimentista liberal, o Estado era colocado como o responsável pela educação de todo o povo. (Santos, Prestes e Vale. 2006, p.136)

Dando procedimento as transformações da educação nas tendências pedagógicas e sociais teremos na década de 1960, no contexto histórico a ditadura militar o seguinte objetivo:

Adequar o sistema educacional à orientação político-econômica do regime militar dando origem à ‘Pedagogia Tecnicista’. Nessa nova corrente pedagógica, no tocante ao relacionamento professor-aluno, as relações são estruturadas e objetivas, com papéis bem definidos: ‘o professor administra as condições de transmissão da matéria, conforme um sistema instrucional eficiente e objetivo em termos de

²Professor secundário por três anos antes de cursar a Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Estudou artes e filosofia e tornou-se professor da Universidade de Minnesota. Escreveu sobre filosofia e educação, além de arte, religião, moral, teoria do conhecimento, psicologia e política.

resultados da aprendizagem; o aluno recebe, aprende e fixa as informações'. (Libânio Apud Oliveira, 2005, p. 40)

A relação entre professor-aluno é praticamente técnica sendo que a transmissão dos conteúdos é o mais importante e torna desnecessário debate, discussões, a relação afetiva, ou seja, bem diferente da educação nova na década de 30, que pregava uma escola democrática e para todos. "O conceito de disciplina, nessa tendência, logicamente, será diferente daquele apregoado pelos precursores da Escola Nova." (Oliveira, 2005, p. 41)

A disciplina torna-se instrumento de opressão e autoritarismo, submissão, obediência aos superiores e execução das atividades e a manutenção da ordem e do silêncio. Houve o abandono do caráter humanista da educação e adotou-se uma proposta tecnicista³ com o intuito de atender a demanda industrial e tecnológica da época.

Nos anos 60, o processo ensino-aprendizagem era influenciado pelas ideias de educadores comportamentalistas que recomendavam a apresentação de objetivos do ensino na forma de comportamentos observáveis, indicando formas de atingi-los e indicadores mínimos de desempenho aceitável. Foram elaboradas classificações, das quais a mais conhecida, coordenada por Benjamim Bloom, era a que dividia os objetivos educacionais em cognitivo-intelectuais, afetivo-emocionais e psicomotores-habilidades, organizados em escalas hierarquicamente mais complexas de comportamento. (Reformas e Realidade: o caso do ensino das ciências. (Krasilchik, 2000, 87).

Em oposição as tendências tecnicistas surge então o movimento chamado de pedagogia progressista com objetivos sociopolíticos da educação pelo pedagogo Paulo Freire, manifestando-se três tendências: a libertadora, conhecida pela relação de igualdade entre professor e aluno, com grupos de discussão através de temas geradores, valorizando os conhecimentos empíricos dos alunos. A tendência libertária "(que reúne defensores da autogestão) têm em comum o antiautoritarismo, a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e a ideia de autogestão pedagógica." (Oliveira, 2005, p.41).

A tendência crítico social o papel do aluno é de participador e do professor como mediador entre o saber e o discente, a aprendizagem baseia-

³Apego demasiado à técnica. Abuso da tecnicidade.

se nas estruturas cognitivas já estruturadas nos alunos, ou seja, através dessas tendências progressistas tem uma preocupação em especial ao aluno e sua formação sócio-política, valorização de uma educação democrática e ao professor “(...) propor conteúdos e métodos compatíveis com suas experiências fazendo com que o aluno se mobilize para uma participação ativa.” (Oliveira, 2005, p.42)

Durante as décadas de 80 e 90 teremos algumas contribuições para a educação, principalmente para compreender qual o papel do professor através das psicologias de aprendizagem e desenvolvimento da criança. No desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget (1896-1980) mais conhecido como construtivismo, a criança aprende segundo etapas do seu próprio desenvolvimento cognitivo e de acordo com os seus interesses, ou seja, a criança aprende através da experiência com meio e o papel do professor é de facilitador dessas descobertas e não um:

Distribuidor de conhecimentos, para tanto é preciso que o professor entenda a forma como a criança raciocínio. O professor deve aceitar as respostas das crianças não em termos de certos ou errados mas como hipóteses criadas por elas. Na tentativa de estender o processo da escrita proporcionando oportunidades para reconhecer as incoerências de um modo concreto, encorajando o crescimento mental e a criatividade da criança. (Oliveira, 2005, p. 43).

Por outro lado, temos o Lev Vygotsky (1896-1934) que defende desenvolvimento histórico-cultural no qual a criança aprende e se desenvolve no meio em que vive e com as pessoas do seu convívio, destacando o processo sócio-histórico.

Para Vygotsky o funcionamento psicológico estruturasse a partir das relações sociais estabelecidas entre a criança e o mundo exterior. Nessa nova perspectiva o papel do professor, dentre outros, passa a ser o de mediador dessas relações sociais nas quais a linguagem ocupa um papel central no desenvolvimento da criança. (Oliveira, 2005, p 44).

Percebemos que através dos estudos dos autores citados anteriormente referente a psicologia de desenvolvimento e aprendizagem da criança, possibilitou um nova visão no aspecto pedagógico do ensinar, preocupado com a relação entre professor, aluno, e aprendizagem, bem como defender o fim do autoritarismo e submissão do aluno e defesa por uma

educação libertadora, promovendo e estimulando a participação, conscientização, a responsabilidade e a autodisciplina do discente. A educação teve um grande avanço por meio dessas teorias, porém, tem alguns educadores que não interpretam de modo coerente o seu papel nessa relação de aprendizagem com aluno, como por exemplo:

(...) deixar os alunos à vontade em sala de aula e adotam atitudes, na sua prática pedagógica, que acabam resultando em indisciplina. (...) quando ouvimos de alguns professores que, no construtivismo não se pode corrigir os erros da criança, que elas podem fazer o que querem em sala de aula porque irão aprender por si só, conforme o seu interesse e experiência. Dessa forma o professor, equivocadamente, abre mão de uma autoridade benéfica que deveria exercer em sala de aula, em prol de um *pseudo* facilitador das descobertas. (Oliveira, 2005, p. 45).

2. DISCIPLINA E INDISCIPLINA: CONCEITOS E PESQUISAS

De acordo com estudos teóricos, pesquisas nacionais e mundiais realizadas por fundações e organizações sobre a temática da indisciplina, percebemos o quanto essa temática é importante no âmbito educacional, pois possibilita aos docentes entender e lidar com seus alunos. O que dizem realmente as pesquisas a respeito da indisciplina? Como os especialistas tratam dessa temática? Por que existe a indisciplina escolar? São algumas indagações que os professores deveriam fazer ou já fazem, para compreender a realidade escolar. Pesquisas recentes nos mostra o quanto os docentes precisam saber lidar com alguns problemas na escola.

Segundo uma pesquisa realizada pela Fundação Lemann⁴, houve a participação de mil professores da rede pública do ensino fundamental de todo o país, com o objetivo de ouvir desses educadores quais os principais problemas a serem enfrentados na sala de aula e o levantamento da pesquisa mostrou cinco principais problemas a serem enfrentados pelos professores:

1. Falta de acompanhamento psicológico;
2. A indisciplina dos alunos;
3. Atraso dos alunos para aprender o conteúdo;
4. Aprovação de estudantes que não estão preparados;
5. Baixos salários.

Nessa pesquisa 72% dos professores afirmaram que a contribuição para o aprendizado dos alunos é o que mais traz satisfação e 65% se disseram satisfeitos com a responsabilidade social do trabalho que fazem.

A pesquisa evidencia o fator indisciplina dos alunos como segunda questão que os professores precisam lidar durante sua prática docente, tomando como princípio esse levantamento, percebeu o quanto o tema precisa ser estudado.

Nos últimos anos vem sendo debatido por autores (as) como Oliveira (2005), Ratto (2007) e Henning e Abbud (2010) a temática da

⁴Fundada em 2002 pelo empresário Jorge Paulo Lemann, é uma organização familiar sem fins lucrativos que desenvolve e apoia projetos inovadores em educação e realiza pesquisas para embasar as políticas públicas no setor.

indisciplina como um problema geral que atinge os próprios alunos, funcionários da escola e principalmente os docentes, que tentam ministrar suas aulas e que durante esse processo há interrupções dos alunos com comportamentos inadequados que atrasam o andamento dos conteúdos propostos para a turma.

Uma consequência dessa questão indisciplinar é a síndrome de *burnout* que segundo Oliveira (2005) significa “perder o fogo”, “perder a energia”, ou seja, o professor acaba perdendo o prazer pela profissão, uma vez que, (Codo e Menezes, Apud Oliveira, 2005, p.20), “o desgaste do vínculo afetivo leva a um sentimento de exaustão emocional”, os docentes estão cada vez mais estressados em lidar com a indisciplina dos alunos, acumulando fatores como: desânimo, irritabilidade e esgotamento, levando até mesmo a desistir da carreira docente.

O Brasil é o país com maior número de casos de indisciplina escolar do mundo, segundo a pesquisa⁵ Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis). Mais de 60% dos Professores do primeiro ciclo no Brasil apontam mais de 10% de estudantes com problemas de mau comportamento, o número é muito menor no Japão, onde apenas 13% dos professores relatam o problema. Países como Chile e México também detectaram um alto nível dos problemas comportamentais nas aulas.

Para entendermos o termo indisciplina é preciso a *priori* conhecer o que significa disciplina. Segundo Oliveira (2005, p.27) “a palavra disciplina geralmente o que nos vem à mente é, por um lado, o estudo de uma matéria escolar e, por outro, o sentido de ordem, regras e obediência (...), de origem latina, tem a mesma raiz que ‘discípulo’”. Podemos verificar que este termo no sentido de ordem, regras e obediência está inserido tanto na escola como na sociedade, com o propósito de controle e ordem através de regras ou leis.

Acrescenta ainda a mesma autora que “na sociedade de classes, por exemplo, disciplina corresponde justamente a adequação dos indivíduos a essa sociedade estratificada, significando, então, inculcação, domesticação e submissão daqueles que não possuem poder.” (2005, p.28)

⁵A edição de 2013 é a segunda desde a criação do estudo, em 2008. Seu objetivo é levantar as condições de trabalho dos professores e o ambiente de aprendizagem nas escolas para amparar decisões de políticas públicas no setor.

Percebemos então a disciplina na sociedade como o controle de “massas”, através do Estado, com o objetivo de fazer com que os indivíduos se enquadrem em um mesmo procedimento, de forma homogênea.

Para que possamos compreender a disciplina no contexto escolar é necessário compreender o homem como ser social a partir do trabalho, pois segundo Saviani (2015, p.286) “(...) o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho.” É perceptível que o trabalho é categoria fundante para evolução da própria sociedade e foi por meio dele que a escola se relaciona na produção de conhecimento. Nesse sentido, Tonet (2012, p.16) afirma que “a função hegemônica da educação é a de preparar os indivíduos para se inserirem no mercado de trabalho. Pois nesta forma de sociabilidade, o indivíduo vale enquanto força-de-trabalho e não quanto ser humano integral.”

A sociedade e a educação giram em torno do trabalho, no qual, sua função essencial é a produção, para o fim dos interesses do capital, podemos então apontar a sociabilidade capitalista como fator histórico resultante da atividade humana através do trabalho.

É importante considerar que a sociedade ao longo da história está sendo transformada pela força do trabalho humano, com a evolução de novas tecnologias que facilitam o trabalho e o homem está sendo influenciado por essa transformação, principalmente nos aspectos dos valores humanos. E a escola acompanha as transformações da sociedade, como podemos constatar no trecho que segue:

Nesses últimos anos, a sociedade mudou e os indivíduos também; eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina, de tal forma que somos obrigados a pensar em uma sociedade sem disciplina. A classe dirigente continua impregnada da antiga técnica. Mas é evidente que devemos nos separar, no futuro, da sociedade de disciplina de hoje (Foucault, 1978 d: 268).

Segundo (Oliveira, 2005, p.28-29) “a disciplina é entendida como a adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja.” A partir dessa explicitação é perceptível que tanto no contexto social como no contexto escolar, a disciplina tem esse papel de controle sobre o outro, uma forma de

obediência, de submissão e de hegemonia pelos que detém o poder, podemos evidenciar a disciplina na sociedade pelas leis, estatutos, constituições com o propósito de ordenar, enquadrar e punir aqueles que não agem segundo as normas ou leis.

Para Freire (1989, p.12) “toda disciplina envolve autodisciplina. O sujeito da disciplina tem de se disciplinar. (...) a disciplina é a licenciosidade, é o fazer o que quero, porque quero. A disciplina é o fazer o que posso o que devo e o que preciso fazer.” Nesses termos, o autor trata da importância da disciplina como algo consentido pelo disciplinado e não imposto pelo disciplinador, pois a disciplina dos alunos necessita de uma autoridade⁶ que é o próprio professor e não de um autoritário⁷, pois os alunos só compreenderão a autodisciplina quando o professor for atuante nas regras de convivência, no qual estabelecem democraticamente na sala de aula.

Portanto é importante ao professor ser coerente tanto na fala como na sua prática, ou seja, “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática” (Freire, 1996, p. 26).

Nos documentos da escola existem o projeto político pedagógico⁸ e o regimento escolar⁹, que são essenciais para as relações entre família, direção, coordenação, funcionários, professores e alunos, nos aspectos do ensino, da avaliação, da intervenção, dos direitos e deveres de cada membro, porém esses documentos acabam sendo desconhecidos pelos pais e por consequência pelos seus filhos, é muito importante que tais documentos estejam acessíveis aos alunos, para que eles conheçam as normas da escola, pois é fundamental que os discentes saibam seus limites na escola, nas

⁶Direito ou poder de mandar e se fazer obedecer. Influência resultante de estimo ou prestígio; ascendência. Pessoa que tem tal poder. Credibilidade. Pessoa que domina um assunto; perito.

⁷Que não admite contradição. Que usa com rigor de toda sua autoridade. Dominador, despótico; impositivo. Violento.

⁸É um instrumento que reflete a proposta educacional da escola. É através dele que a comunidade escolar pode desenvolver um trabalho coletivo, cujas responsabilidades pessoais e coletivas são assumidas para execução dos objetivos estabelecidos.

⁹ É um conjunto de regras que definem a organização administrativa, didática, pedagógica, disciplinar da instituição, estabelecendo normas que deverão ser seguidas para na sua elaboração, como, por exemplo, os direitos e deveres de todos que convivem no ambiente.

relações pessoais e nos aspectos da aprendizagem e ao professor o papel de lidar com a indisciplina, para manter a ordem e a paz no processo de aprendizagem, intervindo com prudência e coerência aos documentos que regem a escola.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, no artigo 14 consta que:

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares e equivalentes (...)

É perceptível que os documentos que regem a escola, deverão serem elaborados de forma participativa e democrática tanto pelos profissionais como pela própria comunidade em torno da escola, pois a partir desse princípio teremos documentos transparentes e diretivos, com o propósito de orientação, de organização do sistema escolar através de uma gestão democrática.

Diante das pesquisas sobre o crescimento constante da indisciplina escolar no Brasil e de alguns conceitos citados sobre o termo disciplina no contexto social e escolar, e da importância dos documentos da escola para organização e orientação das partes envolvidas, continuaremos a buscar conceitos da indisciplina no contexto escolar, para compreendermos essa temática tão debatida e que está presente nas escolas brasileiras.

Frequentemente a palavra indisciplina é usada de modo a explicar o mau comportamento dos alunos, para Bertão (2004) “refere que este termo deriva do latim, significando falta de instrução, isto é, refere-se a pessoas com carência de instrução para a disciplina regulada e imposta pela ordem social.” Percebe-se que a disciplina e a indisciplina são palavras mutuamente ligadas, entretanto diferentes, alguns professores chegam a classificar os alunos de disciplinados e outros de indisciplinados, mas vejamos alguns conceitos. O prefixo “in” de indisciplina significa:

(...) ‘ausência’, ‘negação’ ou ‘resistência’ a disciplina. Alguns autores entendem a disciplina como um conjunto de normas reguladoras da vida escolar e, nesse ponto de vista, a indisciplina seria um comportamento de ruptura dessas normas. Assim, a indisciplina tende a ser definida pela sua negação, privação ou, ainda, pela

desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas (ESTRELA apud Torres e Simon, 2002, p. 17).

Percebemos que essa ausência ou negação da disciplina na quebra de regras e normas está muito frequente nas escolas de acordo com as pesquisas citadas, sabemos da importância da disciplina escolar não como algo imposto ou ditado, mas algo construído coletivamente e consentido por todos. A negação da disciplina é se negar ao conhecimento e a resistência a disciplina, partir de Dewey (1971), “sendo está uma resistência a atividades que não ofereçam sentido ao aluno, e este sem a visão de algum objetivo, resiste em participar.”

Os alunos do século XXI estão na era da informação, no qual a maioria tem acesso à internet, é necessário que o professor compreenda essa realidade e tenha consciência que poderá utilizar essa evolução da informação ao seu favor, entretanto os discentes tornam cada vez mais resistentes e resistem as aulas, pois acreditam que já “sabem de tudo”. O professor não deixa de perder seu papel de despertar no aluno o desejo pelo saber, pelo fato da acessibilidade da informação, ser professor é orientar, é instruir, é discernir e filtrar o conhecimento, projetado na vida dos alunos. É preciso que os professores saibam quais os pilares essenciais da educação: “aprender a conhecer¹⁰, aprender a fazer¹¹, aprender a se relacionar¹² e aprender a ser¹³.” (UNESCO, 1999, p.90).

Percebemos nos dias de hoje, em pleno século XXI uma forte crise de autoridade, desde base familiar até instituições, como: a escola, o governo, o trabalho e dentre outras que estão inseridos. Para que entendamos uma temática tão complexa como a indisciplina, é necessário perceber que segundo

¹⁰Pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como uma finalidade da vida humana.

¹¹A fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.

¹² Descoberta do outro, O confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI.

¹³Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Santos (1997) o ser social está cada vez mais consumista, hedonista, narcisista, egocêntrico, tudo gira em torno do indivíduo, estimulado pelo sistema capitalista, no qual o ter é mais importante do que o ser, possibilitando assim a perda dos valores humanos e ascensão do capital.

O mesmo autor destaca que o homem moderno comete algumas deserções¹⁴, como:

Deserção da história: A sociedade pós-moderna perdeu o senso de continuidade histórica. Ela vive sem as tradições do passado e sem um projeto de futuro. Só o presente conta, em vez de crer e atuar na história, os indivíduos estão concentrando-se em si mesmos.

Deserção política e ideológica: A descrença na política faz a sociedade pós-moderna negligenciar as grandes causas. Ela cobra do sistema eficiência na administração e nos serviços como educação, transportes e saúde mostrando-se essencialmente pragmática e não ideológica. Normalmente, o indivíduo pós-moderno a militância política, prefere movimentos com fins práticos, nos quais a participação é flutuante e personalizada.

Deserção do trabalho: A massa pós-moderna não tem ilusões; sabe que trabalhará sempre para um sistema capitalista. Por isso ela não crê no valor moral do trabalho nem vê na profissão a única via a auto realização.

Deserção da família: A família já não é foco da existência individual. Os filhos saem cedo de casa e o casamento já não tem o mesmo valor. No lugar da família guardiã da moral, a pós-modernidade propõe ligações abertas. A sociedade e a mídia predominam na formação da personalidade.

Deserção da religião: As religiões tradicionais perdem espaço para pequenas seitas, os indivíduos procuram credos menos coletivos e mais personalizados (meditações, yoga, budismo, esoterismo, astrologia). O homem pós-moderno não é religioso, interessa mais um ego sem fronteiras do que uma consciência vigilante. (Santos apud Oliveira, 2005, p. 33-34)

Percebemos que o homem pós-moderno como cita o autor, está se ausentando de seus valores morais, de suas responsabilidades na família e política, de sua cultura, tornando a sociedade cada vez mais individualista, quem não tem tolerância, que não respeita o outro como ser humano, vivemos diante tal modernização e só tende a aumentar os casos de violência, a

¹⁴Ato de desertar. Desistência tácita do recurso no prazo legal.

prostituição, o desemprego, a seca, o abandono de crianças, o aborto. Essa realidade nos alerta não só para enxergarmos a sociedade, mas para compreender que a escola está inserida nesse contexto social, pois os alunos são os principais alvos dessa chamada modernização.

Não se deve culpar a escola, ou professor, ou a família para justificar a presença da indisciplina escolar, mas é preciso ter um olhar cauteloso na sociedade que estamos tornando com a modernidade. O que torna mais evidente em relação aos problemas sociais encontrados na sociedade por influência dessa dita modernidade é sobre o comportamento do indivíduo e no contexto escolar esse indivíduo é o próprio aluno, que vem se tornando cada vez mais difícil de lidar pelos professores na sala de aula, pois o aluno não é o mesmo que outrora, no qual tinha disciplina, não questionava, cumpria as atividades propostas pelos professores, era passivo, tinha o respeito pelo professor e dificilmente faltava as aulas. Hoje a concepção de alunos que temos é aquele que não se concentra, o conversador, o agressivo, o atrasado, o não cumpridor das regras e normas da escola.

É notória essa transformação dos alunos ao longo da história e ao perceber que o discente passa de ser passivo a ser ativo, ou seja, os alunos falam, querem dizer o que pensam, não querem se submeter às regras, são jovens que não escondem suas vontades, são ousados e querem ser escutados.

O novo aluno é o responsável por esta mudança. Por ter nascido em um mundo transformado pelas novas tecnologias, ele exige um professor e uma escola que dialoguem com ele, e não apenas depositem informações em sua cabeça. E mais: ele quer ser surpreendido. Tarefa difícil, pois o jovem estudante de hoje encontrou, na internet, uma fonte de informações nunca antes existente. Livros, almanaques e enciclopédias eram as principais ferramentas de pesquisa até o início da década de 90, quando os computadores começaram a chegar às residências do país. Agora, com um clique, ele pode acessar todas as enciclopédias do mundo. O que muda com isso é, em primeiro lugar, o papel do professor. (Quem vai ensinar - e o quê - aos alunos do século XXI? Revista Veja, 03/2009).

Podemos observar que a indisciplina não é uma singularidade, mas é um reflexo social, são sintomas que o próprio aluno transparece em seu comportamento na sala de aula, pode ser através de uma atividade de casa

não realizada, ou conversas durante a aula, desrespeito ao professor ou colega de turma, falta nas aulas e a partir desses casos de ruptura com o contrato social da escola os casos poderão tomar proporções maiores como: agressões físicas e psicológicas, racismo, furtos de material escolar, vandalismo contra o patrimônio da escola e o *bullying*.

O *bullying* vem sendo debatido por muitos pesquisadores como: Callhau (2009), Alexander (2009) e principalmente nas escolas entre coordenadores, professores e pais e que segundo a revista escola publicada em agosto de 2009, o termo é da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

Recentemente foi sancionada uma lei pela presidente Dilma Rousseff que estabelece o programa de combate ao *bullying* no Brasil que entrará em vigor em fevereiro do ano que vem. A lei nº 13.185 diz que é dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção e combate à violência e ao *bullying*.

A nova norma caracteriza claramente as situações de agressão física, psicológica e moral que podem ser consideradas *bullying* e estabelece regras para definir casos de intimidação realizados por meio da internet. De acordo com o texto, a punição aos agressores deve ser evitada, “privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil”. Segundo essa nova lei, o *bullying* ou intimidação sistemática é classificado em:

1. Verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente.
2. Moral: difamar, caluniar, disseminar rumores.
3. Sexual: assediar, induzir e/ou abusar.
4. Social: ignorar, isolar e excluir.

5. Psicológico: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar.
6. Físico: socar, chutar, bater.
7. Material: furtar, roubar, destruir, pertences de outrem.
8. Virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Vejamos o quanto à indisciplina nas escolas pode proporcionar grandes desafios tanto aos professores como a gestão escolar, e quando esses desafios não são enfrentados de forma a solucionar os pequenos conflitos, desenvolve grandes problemas nas escolas como é o caso do *bullying*.

A única alternativa quando não se encontra ações de prevenção ou de intervenção que promovam a paz e a harmonia no ambiente escolar, principalmente nas relações pessoais entre alunos, são as chamadas políticas públicas que segundo Souza (2003) é:

O campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, 'colocar o governo em ação' e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real. (Souza, 2003, p.13)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos que ao longo da história da educação desde a chegada dos Jesuítas para catequizar os índios, houve uma tentativa de opressão, de organização e doutrinação por meio da igreja católica sobre as tribos que ali habitavam na época do descobrimento do Brasil em 1500.

O trabalho possibilitou perceber a importância da relação entre o trabalho e a educação, onde a existência do homem é compreendida pela produção do trabalho, sendo fundante na vida humana e a educação como processo de aprendizagem dessa produção do trabalho, ou seja, a evolução da sociedade aconteceu através do trabalho e a educação foi um meio de alienação em massa.

Com a divisão de classes desde as sociedades primitivas, houve rupturas na produção coletiva possibilitando o surgimento das classes dos proprietários (donos de terra) e não proprietários (trabalhadores), modificando o cenário econômico do século XVIII com uma forte influência do Estado sobre as escolas, principalmente em relação à disciplina dos alunos, pois desde a existência da humanidade, o trabalho torna-se fundamental na vida do homem.

A partir da necessidade da produção como forma de acúmulo de riqueza, a escola surge como meio de alienação da sociedade tornando o trabalho uma forma de sobrevivência e proteção dos proletariados. Há uma tendência pedagógica tradicional desta época, no qual a relação entre aluno e professor era estritamente distante, o professor era o centro do aprendizado e do conhecimento, o ensino era metódico, repetitivo, instrutivo e a disciplina era bastante rigorosa e punitiva para com o aluno.

Feita a relação das práticas pedagógicas com os aspectos históricos na sociedade evidenciamos que o fator disciplinar teve forte influência do sistema capitalista que se desenvolvia conforme a produção do trabalho. A educação passa a ter o papel em função do trabalho.

Esse trabalho nos trouxe aspectos relevantes do modo que a educação surgiu, em meio a uma sociedade dividida e praticamente desigual economicamente. É notável que em pleno século XXI haja tantas ideias conservadoras ou tradicionais que refletem na educação, principalmente pelos professores que não encontram soluções concretas para lidar com esse problema, pois não depende apenas das ações destes docentes, mas de todo um contexto social, que por sua vez é composto da família, da escola e principalmente do sistema que gere a educação,

Foi constatado que a educação sempre foi condicionada a produção da riqueza, e isso proporcionou práticas pedagógicas disciplinares muito conservadoras, tradicionais entre professor e aluno. A indisciplina nessa perspectiva histórico-social surge da indignação do aluno pelo sistema do ensino e torna-se necessário ter um novo olhar sobre a disciplina, não como forma de punição e submissão, mas de conscientização e do diálogo na relação professor-aluno, procurando-se repensar as atitudes que promovam a paz e harmonia na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. Tradução: José Severo de Camargo Pereira. 6. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Coleção Educação Contemporânea).

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Fundação Lemann. Disponível em <http://www.fundacaolemann.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 20 novembro 2015.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar: determinantes consequências e ações**. Brasília: Liber Livro, 2005.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2009.

UOL. Brasil: **50% dos professores não têm didática para tudo que ensinam**. Disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/30655/brasil-50-dos-professores-nao-tem-didatica-para-tudo-que-ensinam/>. Acesso em: 20 novembro 2015.

MENDONÇA, Sandra Zaminhá. **(in) disciplina escolar: visão de professores e os modos de lidar**. Porto Alegre: 2010.

LOPES, Ivanil Correa. *et al.* **A (in) disciplina escolar nas perspectivas de Piaget, Winnicott e Vygotsky**. p. 241-247, São Paulo: 2006.

TORRES, Renato; SIMON, Ingrid. **Reflexões sobre indisciplina: construindo um conceito pedagógico**. Paraná: 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TONET, Ivo. **Atividades educativas emancipadoras**. Maceió, 2013.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos. **Brasil, 1930 – 1961: Escola nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada**. Revista histedbr on-line, Campinas, n.22, p.131 –149,2006.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação:** fundamentos ontológicos e históricos. Campinas, Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34: jan/abr. 2007.

CARNEIRO, Roberto, et al. **Educação um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez editora, 1996.

JÚNIOR, José Petrucio de Farias. **Ensino de História:** trajetórias de uma disciplina na educação básica. Maringá, v. 35, n. 1, p. 127-134, jan/june, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação.** Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015.

ARRIADA, Eduardo, et al. **A sala de aula no século XIX:** disciplina, controle, organização. Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 37-54, maio/ago. 2012.

TONET, Ivo. **Educação contra o capital.** São Paulo: 2ª ed. 2012.

Revista escola. **John Dewey, o pensador que pôs a prática em foco.** Outubro 2008. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/john-dewey-428136.shtml?page=3>. Acesso em: 23 novembro 2015.

CAMARGO, Orson. **"Bullying"; Brasil Escola.** Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 27 novembro 2015.

BORDIGNON, Genuíno. **Gestão democrática da escola cidadã.** In. Ceará. SEDUC. Novos paradigmas de gestão escolar. Fortaleza: edições. SEDUC, 2005, p. 27-46.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível.** Campinas. Papirus, 1996.